



Seu. José Sarney

Oposição dividida não chega a ser problema

Para quem se recorda da época, há indícios de que a classe política está atuando — politicamente. Ontem à tarde, vestindo terno bege, suave, um homem de meia idade conversava no final do corredor dos gabinetes dos senadores, no Congresso Nacional. Que assuntos políticos alimentavam a conversa? O caso de um rapaz necessitando de emprego, insistentemente, mas sem vez porque o senador disse que não há possibilidade. Trata-se do Senador José Sarney, presidente da Arena, impressionando nos longos corredores, por sua tranquilidade. Atendeu aos eleitores, e um deles insistiu dizendo que ficaria defronte ao seu gabinete até conseguir a vaga. Pegou seu carro, deu carona a um jornalista e foi almoçar na casa da sua filha Roseane. “A Arena vai muito bem, está unida. Teremos um único partido, forte e unido”. Analisou em linhas rápidas o que houve e, sem pretendê-lo, demonstrou que ele sabia do que se passava, desde o início. “Alguém tentou ser

mais sabido, e não pôde”. Eis a divisão, as etapas queimadas do processo, segundo o que se pode deduzir do pensamento de Sarney: Figueiredo deu tarefas ao Ministro Petrônio Portella, ao Senador Jarbas Passarinho, ao próprio Sarney e ao líder, na Câmara, Nelson Marchezan. Resta a cada qual cumprir a sua, posto que o acerto levará, inevitavelmente, ao partido único. É clara a descontração de Sarney quando se fala em divisão nas Oposições. Sua preocupação fundamental é a união das correntes contrárias dentro da Arena, comentando, nos velhos moldes parlamentares: “Uma campanha é duríssima, leva um pouco da gente”. Exemplo, o caso de Dinarte Mariz, do seu filho Wanderley e da família Rosado. Como unir a Arena do Rio Grande do Norte, por exemplo, é uma das preocupações, no momento, de José Sarney. Uma delas, pois há outras: Bahia, Paraíba, Piauí, São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro — ele afirma: “Um partido nacional”.